Clytia caminha por um mundo preto e branco, onde identidade visual e expressão facial não deveriam intervir nas interações.

A ideia é evitar conflitos causados por mal-entendidos, tons errados ou expressões não condizentes com as palavras ditas, obrigando cada pessoa a cobrir suas faces com uma máscara. Esta é também uma forma de identificar suas identidades sem preconceitos...

Não é a realidade para Clytia, entretanto. Com uma máscara de mariposa, as pessoas a tratam com certa repulsa, como um alerta de uma presença que ela mesma não traz.

Com a ansiedade causada pela necessidade de sair de casa que seu primeiro dia de trabalho exige, encontra uma coisa que deveria ser impossível: alguém com a mesma máscara que a sua.

Diante desse espelho inesperado, Clytia percebe que questionar o sistema pode custar mais do que o silêncio e que certas identidades só se revelam quando já não há mais caminho de volta.